

Crítica à tradução de Gên 1:2 à luz do tema teológico da trindade no Antigo Testamento

By Professor Oswaldo Luiz Ribeiro

O Programa de Pós-Graduação em Teologia do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil encomendou-me um *ensaio* muito ambicioso: *A Trindade no Antigo Testamento*. O presente *ensaio* responde ao convite. Mas algumas observações preliminares precisam ser registradas: primeiro) restringi ao máximo o escopo da pesquisa, aplicando-a apenas a Gn 1,2. Um *ensaio* que tivesse por objetivo discutir a questão da *Trindade no Antigo Testamento* demandaria muito mais tempo do que se dispunha para o presente, bem como exigiria um *tour de force* muito maior. Segundo: o presente texto é um *ensaio*, um exercício de exegese. Não tem a pretensão de dizer tudo. Quer *apenas* dizer. Deve ser lido a partir de uma pergunta retórica: “*não será que?...*”. Por outro lado, não deve ser lido com um “*e assim o é*” final. É uma proposta.

Mas uma proposta crítica. Não é um *ensaio* apologético da *tradição*, porque pressuponho uma circulação *doméstica* do texto e acredito que a compreensão crítica é, sempre, o melhor caminho para a maturidade. Nesse sentido, a análise que empreendo neste *ensaio* tem plena relação com os Princípios Batistas que pressupõem a “responsabilidade de estudar a Bíblia, *com a mente aberta* e com atitude reverente, procurando o significado de sua mensagem através de *pesquisa* e *oração*”^[1]. Ali, espera-se que o *indivíduo* assuma a *sua* “responsabilidade de procurar a verdade”^[2], particularmente, mas não exclusivamente, no magistério, onde “deve ser admitido (...) que os professores das nossas instituições tenham liberdade para a erudição criadora, com o equilíbrio de um senso profundo da responsabilidade pessoal para com Deus, a verdade, a denominação e as pessoas a quem servem”^[3]. Tudo isso por quê? Porque: “*a fé e a razão aliam-se* no conhecimento verdadeiro. A fé genuína procura *compreensão e expressão inteligente*. As escolas cristãs devem conservar a *fé e a razão no equilíbrio* próprio”^[4].

É, portanto, assim, que o presente *ensaio* deve ser encarado: uma pergunta responsável pelo *sentido* de Gn 1,2 face à proposição temática da *Trindade no Antigo Testamento*.

Não devemos descuidar, contudo, para o fato de que esses mesmos Princípios Batistas observam que “há limites para a liberdade acadêmica”^[5], não precisando a observação senão com um apelo à *responsabilidade pessoal* para com Deus, a verdade, a denominação e as pessoas a quem servem, como vimos. Penso, então,

Gênesis 1:2

que deveríamos sempre pensar essa *responsabilidade* como respeito para com nossa *tradição* secular e nossos *documentos*.

A presente abordagem crítica, portanto, deve ser compreendida a partir daquele *equilíbrio de um senso profundo da responsabilidade pessoal*. Seu ponto de partida é justamente as primeiras proposições da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira: “a Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens^[6] (...) inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo”^[7]. Registro, portanto, que o presente *ensaio* deseja tanto ser fiel ao *espírito* da Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira (DDCBB) quanto aos Princípios Batistas, assumindo de forma *batista* a responsabilidade pessoal da conciliação entre ambos, quando necessário.

E a necessidade de conciliação surge imediatamente com a primeira referência veterotestamentária da DDCBB ao *verbo* “Deus Espírito Santo”. A DDCBB destina seu segundo capítulo à proposição do tema “Deus”. Divide o tema em “1. Deus Pai”, “2. Deus Filho” e “3. Deus Espírito Santo”^[8]. Aqui, apresenta a seguinte proposição: “O Espírito Santo, um em essência com o Pai e com o Filho, é pessoa divina”^[9]. A proposição remete às referências bíblicas no rodapé, e, para essa primeira proposição que venho de citar, a referência bíblica introdutória é Gn 1,2. O que isso significa? Significa que o Grupo de Trabalho responsável pela elaboração da DDCBB e a Assembléia^[10] que a *aprovou* entendiam que Gn 1,2 remete ao tema da *personalidade* do Espírito Santo.

O presente *ensaio* comunga com o *espírito* daquela Assembléia e daquele Grupo de Trabalho quando afirmam que “uma declaração desse tipo deve ser formulada, com a exigência insubstituível de ser rigorosamente fundamentada na Palavra de Deus”^[11].

À luz dessa *exigência* e desse *espírito*, o objetivo do presente *ensaio* é analisar Gn 1,2 e verificar se podemos inferir daquele texto, sem detrimento de todas as demais referências bíblicas ao tema, uma clara e inequívoca referência à *personalidade do Espírito Santo*.

בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ:

[Berei'shit bara' 'elohim et hashamaim ve'eti ha'aretz]

'EN ἀρχῆ ἐποίησεν ὁ Θεὸς τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν γῆν.

(1)1. No princípio, Deus criou os céus e a terra.

Gênesis 1:2

וְהָאָרֶץ הַיְתָה תְּהוֹ וָבֹהוּ

[veha'aretz haytah tohu vavohu]

'H δὲ γῆ ἦν ἀόρατος καὶ ἀκατασκεύαστος,

2. Ora, a terra estava vazia e vaga,

וַחֹשֶׁךְ עַל-פְּנֵי תְהוֹם

[vehoshech al-penei tehom]

καὶ σκότος ἐπάνω τῆς ἀβύσσου

As trevas cobriam o abismo

וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל-פְּנֵי הַמַּיִם:

[veruach 'elohim merahephet al-penei hama'im]

καὶ πνεῦμα Θεοῦ ἐπεφερετο ἐπάνω τοῦ ὕδατος.

e um vento de Deus pairava sobre as águas.

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים

[vayomer 'elohim]

Καὶ εἶπεν ὁ Θεός,

3. Deus disse:

יְהִי אוֹר וַיְהִי-אוֹר

[yehi 'or vayhi 'or]

γενηθήτω φῶς· καὶ ἐγένετο φῶς.

“Haja luz” e houve luz.

וַיִּרְא אֱלֹהִים

[vayare' 'elohim]

Καὶ εἶδεν ὁ Θεός

Gênesis 1:2

4. Deus viu

אֶת־הָאֹר כִּי־טוֹב

[‘et-há’or qui-tov]

τὸ φῶς, ὃ καλόν·

que a luz era boa, e

וַיַּבְדֵּל אֱלֹהִים

[vayavdel ‘elohim]

καὶ διεχώρισεν ὁ Θεὸς

Deus separou

בֵּין הָאֹר וּבֵין הַחֹשֶׁךְ:

[bem há’or uven hahoshech]

ἀνὰ μέσον τοῦ φωτός, καὶ ἀνὰ μέσον τοῦ σκότους.

a luz e as trevas.

וַיִּקְרָא אֱלֹהִים

[vayiqra’ ‘elohim]

Καὶ ἐκάλεσεν ὁ Θεὸς

5. Deus chamou

לְאֹר יוֹם וְלַחֹשֶׁךְ קָרָא לַיְלָה

[la’or yom velahoshech qara’ laylah]

τὸ φῶς ἡμέραν, καὶ τὸ σκότος ἐκάλεσε νύκτα.

à luz “dia” e às trevas “noite”.

וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם אֶחָד:

Gênesis 1:2

[vayhi-'erev vayhi-boqer yom 'ehad]

Καὶ ἐγένετο ἑσπέρα, καὶ ἐγένετο πρωὶ, ἡμέρα μία.

Houve uma tarde e uma manhã: primeiro dia.

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים

[vay'omer 'elohim]

Καὶ εἶπεν ὁ Θεός,

6. Deus disse:

יְהִי רָקִיעַ בְּתוֹךְ הַמַּיִם

[yehi raqí'a betoch hamayim]

γενηθήτω στερέωμα ἐν μέσῳ τοῦ ὕδατος·

“Haja um firmamento no meio das águas

מַבְדִּיל בֵּין מַיִם לַמַּיִם

[mavdil ben mayim lamayim]

καὶ ἔστω διαχωρίζον ἀνὰ μέσον ὕδατος καὶ ὕδατος·

e que ele separe as águas das águas”,

^a וַיְהִי־כֵן ^a

(ver apparatus da BHS)

[vayhi-hen]

καὶ ἐγένετο οὕτως.

e assim se fez.

וַיֹּאמֶת אֱלֹהִים

[vayo'mer 'elohim]

Καὶ ἐποίησεν ὁ Θεός

Gênesis 1:2

7. Deus fez

אֶת־הַרְקִיעַ

[‘et-haraqí’a]

τὸ στερέωμα·

o firmamento,

וַיַּבְדֵּל בֵּין הַמַּיִם אֲשֶׁר מִתַּחַת לַרְקִיעַ

[vayavdel ben hamayím ‘asher mitahat laraqí’a]

καὶ διεχώρισεν ὁ Θεὸς ἀνὰ μέσον τοῦ ὕδατος ὃ ἦν ὑποκάτω τοῦ στερεώματος,

que separou as águas que estão sob o firmamento

וַיְבַיֵּן הַמַּיִם אֲשֶׁר מֵעַל לַרְקִיעַ^a וַיְהִי־כֵן^a

(ver apparatus da BHS)

[uben hamayím ‘asher mei’al laraqí’a (vayhi-hen)]

καὶ ἀνὰ μέσον τοῦ ὕδατος, τοῦ ἐπάνω τοῦ στερεώματος.

das águas que estão acima do firmamento, e

וַיִּקְרָא אֱלֹהִים

[vayíqra’ ‘elohím]

Καὶ ἐκάλεσεν ὁ Θεὸς

8. Deus chamou

לַרְקִיעַ שָׁמַיִם

[laraqí’a shamayím]

τὸ στερέωμα οὐρανόν·

ao firmamento “céu”.

וַיְהִי־עֶרֶב וַיְהִי־בֹקֶר יוֹם שֵׁנִי:

Gênesis 1:2

[vayhi-'erev vayhi-boqer yom sheini]

καὶ εἶδεν ὁ Θεὸς ὅτι καλόν· καὶ ἐγένετο ἑσπέρα, καὶ πρωΐ, ἡμέρα δευτέρα.

Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia.

וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים

[vay'omer 'elohim]

Καὶ εἶπεν ὁ Θεός,

9. Deus disse:

יִקְוּ הַמַּיִם מִתַּחַת הַשָּׁמַיִם אֶל-מָקוֹם אֶחָד

(ver apparatus da BHS)

[yiqavu hamayim mitahat hashamayim 'el-
maqom 'ehed]

συναχθήτω τὸ ὕδωρ τὸ ὑποκάτω τοῦ οὐρανοῦ εἰς συναγωγὴν μίαν ,

“Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só
massa

וַתֵּרָא הַיַּבָּשָׁה

[veteira'eh hayabashah]

καὶ ὀφθήτω ἡ ξηρά·

e que apareça o continente”

וַיְהִי-כֵן

[vayhi-hen]

καὶ ἐγένετο οὕτως· καὶ συνήχθη τὸ ὕδωρ τὸ ὑποκάτω τοῦ οὐρανοῦ εἰς τὰς συναγωγὰς αὐτῶν, καὶ ὤφθη ἡ ξηρά.

e assim se fez.

וַיִּקְרָא אֱלֹהִים

[vayiqra' 'elohím]

Καὶ ἐκάλεσεν ὁ Θεὸς

10. Deus chamou

לַיַבֶּשֶׁת אֶרֶץ

[layabashah 'eretz]

τὴν ξηρὰν, γῆν·

ao continente “terra”

וּלְמִקְוֵה הַמַּיִם קָרָא יַמִּים

[ulmiqveh hamayim qara' yamím]

καὶ τὰ συστήματα τῶν ὑδάτων ἐκάλεσε θαλάσσας·

e à massa das águas “mares”; e

וַיַּרְא אֱלֹהִים

[vayare' 'elohím]

καὶ εἶδεν ὁ Θεὸς

Deus viu

כִּי-טוֹב

[hi-tov]

ὅτι καλόν.

Gênesis 1:2

que isso era bom^[12].

As versões em português não são concordes quanto à tradução de Gn 1,2. Existe uma série de versões que traduzem o termo hebraico אֱלֹהִים רִיחַ como “Espírito de Deus” ou “espírito de Deus”^[13]. Um outro grupo traduz o termo רִיחַ de Gn 1,2 como “vento”^[14]. Por seu turno, A Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB) o traduz para “sopro”.

Não resta dúvida que as versões que traduzem רִיחַ em Gn 1,2 o fazem por questões *teológicas*, na verdade as mesmas que levaram o Grupo de Trabalho e a 67ª Assembléia da CBB a fazerem o texto remeter à proposição doutrinária sobre a personalidade do “Deus Espírito Santo”. É bem verdade que a tradução de רִיחַ em Gn 1,2 para “Espírito” ou “espírito” é *anterior* à formulação da Declaração Doutrinária quando da 67ª Assembléia da CBB, de forma que devemos reputar à hermenêutica particular implícita nessa referência uma origem consideravelmente mais antiga.

Seja como for, deparamo-nos com um problema que extrapola a simples tradução de uma palavra hebraica. Sim, porque, rigorosamente, *todas* as possibilidades de tradução exemplificadas acima *podem* ser defendidas segundo o critério semântico de רִיחַ. Tanto o The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon^[15], quanto o Dicionário Hebraico-Português & Aramaico Português^[16] constataam a possibilidade de tradução de רִיחַ como *espírito*, *vento* ou *sopro*^[17]. Mais do que os dois anteriores, o Dicionário Bíblico Hebraico-Português^[18] detalha a riqueza semântica de רִיחַ na Bíblia Hebraica, corroborando aquela mesma possibilidade de tradução, relacionando-as às referências textuais de acordo com a compreensão de Schökel.

Essa riqueza (ou por isso mesmo *pobreza*) semântica de רִיחַ se nos depara indiscutivelmente em Gn 8,1b: “Deus fez passar um *vento* sobre a terra e as águas baixaram”^[19]. É curioso notar, e *a fortiori* o devo registrar, que todas as versões acima traduzem o רִיחַ de Gn 8,1 como *vento*. Tanto o grupo de versões que traduzem רִיחַ em Gn 1,2 como *espírito*, tanto a TEB e, claro, as versões que já o traduziam por *vento* são unânimes na opção semântica de Gn 8,1: é um *vento* que Deus faz passar sobre a terra para fazer baixar as águas.

Essa constatação não deve passar-nos por mero detalhe. Sem prejuízo das considerações teológicas que estão condicionando a opção dos respectivos tradutores, é justamente mercê da polissemia de רִיחַ enquanto *termo aberto*, isto é, enquanto palavra capacitada por diversos sentidos conforme os enumeramos num dicionário, que essa *curiosa* ocorrência se pode manifestar na *tradução*. É por essa razão que devemos ter diante de nós a recomendação de Geir Campos, quando o assunto é *tradução*: “sinta-se sempre inseguro” e “jamais considere perfeitamente acabada uma tradução sua”^[20], afinal, como já o dissera^[21], *traduttore, traditore*^[22].

Gênesis 1:2

Talvez não estejamos longe de aplicar o trocadilho ao caso da tradução pelo mesmo tradutor do רִיחַ de Gn 1,2 como *Espírito/espírito* e do רִיחַ de Gn 8,1 como *vento*. Qual seria a *traição*? A de remeter o primeiro רִיחַ ao Espírito de Deus, enquanto relega o segundo רִיחַ ao estado de *um vento* que Deus faz passar sobre a terra.

Mas observe-se de mais perto Gn 8,1. O que vemos? Vemos a terra coberta pelas águas. O imaginário textual remete-nos a uma terra submersa. Segundo Gn 7,17, as águas cresceram. Mais do que isso, as águas subiram e cresceram sobre a terra (7,18). Não pararam: subiram cada vez mais sobre a terra (7,19). Até que ponto? Até o ponto de que “as mais altas montanhas que estão sob o céu foram cobertas”. Quanto? “As águas subiram quinze côvados mais alto, cobrindo as montanhas” (7,20). Então olhemos de novo. E o que vemos? Vemos uma terra completamente submersa pelas águas do dilúvio^[23].

Não nos parece o olhar para o Dilúvio um olhar às avessas para a Criação? Observemos que as origens do Dilúvio, segundo Gn 7,11b, devem-se ao fato de que “nesse dia jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu”. Foi porque se abriram ambas, as fontes do grande abismo e as comportas do céu, que as águas subiram sobre a terra até o ponto de a submergirem completamente. A terra tornou a ser tragada pelo *abismo* e pelas *águas*.

O que nos remete, necessariamente, a Gn 1,6-10. Segundo o relato, “Deus disse: ‘Haja um firmamento *no meio das águas*’” (1,6a). O que isso significa? Significa que, segundo o imaginário do relato, um dos *estágios* da Criação divina consiste em extrair a *terra* do meio das águas. Quais águas? As águas de Gn 1,2, i. é, o *abismo*, as *águas*. Esse *firmamento* que Deus disse *seja* vai *separar* essas águas (1,6b). Mas é uma separação muito específica: “separou as águas *que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento*” (1,7).

O que está acontecendo *aqui*? Quero dizer, o que o escritor de Gn 1,7 está fazendo? Não é rigorosamente a mesma coisa, mas ao inverso, que faz o escritor de Gn 7,11? E essa *mesma coisa* não consiste em *descrever a Criação* a partir de sua concepção cultural da criação? Segundo o imaginário do texto, tanto de Gn 1,7 quanto de 7,11, extraída do meio das águas, a *terra* interpôs-se àquelas duas metades da grandeza aquosa original, engolindo sob si o grande abismo, e sustentando as comportas do céu^[24].

E mais, segundo Gn 8,2, depois de ter Deus lembrado-se de Noé (8,1) e ter feito passar um vento sobre a terra, “fecharam-se as fontes do abismo e as comportas do céu. As águas originais da Criação, guardadas desde aquele dia no grande abismo e reprimidas pelas *comportas do céu*, sob e sobre o firmamento que Deus fizera, *aquelas* águas da Criação, as mesmas de Gn 1,2, que um dia *cobriram toda a terra, envolvendo-a e tornando-a vazia e vaga*, essas mesmas águas tornaram a cobrir a terra tão completamente quanto antes.

Não nos parece, assim, que o Dilúvio é uma Criação às avessas? Deus retirara a terra do meio das águas (Gn 1,6-7); Deus, agora, a faz retornar para o meio delas (7,20). E não será de se deixar passar despercebida a *coincidência* dos termos hebraicos em Gn 1,2 e Gn 7,11. Tanto lá, quanto cá, o termo hebraico para abismo é

Gênesis 1:2

תְּהוֹם. Tanto quanto em Gn 7,11, são as comportas de שָׁמַיִם que são abertas para, reunidas com as mesmíssimas e originalíssimas águas primordiais provenientes do *grande abismo*, cobrirem a terra. É a esse שָׁמַיִם que em Gn 1,8a Deus chama *céus*.

Resumindo, segundo o imaginário textual de Gn 1,1-10, num dos estágios da Criação, Deus *retira a terra* do meio das águas. Essa terra, esse firmamento, serve tanto de cenário para receber a *vida*, quanto para separar aquelas águas primordiais que Deus criara, mantendo-as sob e sobre o firmamento. E lá permaneceram até que o Dilúvio se fez necessário. Então, abriram-se as comportas do céu, i. é, as águas que estão acima do firmamento, e jorraram todas as fontes do grande abismo, i. é, as águas que estão sob o firmamento. Deus faz a terra retornar ao seu estágio *caótico* original, se com as expressões תְּהוֹם וְבְהוֹל de Gn 1,2 podemos concluir um *caos* primordial.

Seja como for, não resta dúvida de que o pano de fundo cultural é o mesmo para Gn 1,1-8 e Gn 7,11.17-20; 8,1-3. São as mesmas expressões que se repetem alternadamente, com os mesmos sentidos: שָׁמַיִם ; תְּהוֹם . Deparamo-nos com a mesma configuração do imaginário textual: um firmamento que separa águas que estão acima e sob o próprio firmamento, assim dispostas por Deus. Uma origem *caótica e aquosa* para a terra, tanto quanto um destino *caótico e aquoso* para a sua destruição pelo Dilúvio. O Dilúvio é a Criação às avessas, o *arrepentimento* da ação de Deus em *criar* (Gn 6,6), em retirar das águas originais a *terra e a vida*. Deus *torna atrás*, faz a terra tornar às águas primordiais.

Ora, e é exatamente nesse contexto teológico que a palavra רוּחַ é empregada, uma vez em Gn 1,2, na Criação, outra vez em 8,1, no Dilúvio. Não, mintos: mais do que no Dilúvio, porque Gn 8,1 já deixa a descrição do Dilúvio, e passa a descrever a *Segunda Criação*, i. é, a restauração do *caos*, a retirada das águas primordiais de sobre a terra... novamente! Fecham-se todas as fontes do abismo e as comportas do céu (8,2). Deus vai *criar* de novo. Mais uma vez, *do meio das águas*, Deus retira a terra e, com ela, a *vida*.

Cabe então perguntarmo-nos, mais uma vez, qual será a traição que cometem os tradutores, uma vez que, tendo traduzido o primeiro רוּחַ por *Espírito*, traduzem, agora, o segundo, por *vento*. Por que mudaram de opção semântica? Por que não traduziram tanto um como o outro por *Espírito*, já que optaram por essa tradução em 1,2?

É certo que pelo que expus, não alcançamos garantias suficientes para nos decidirmos pela tradução de *Espírito*, *vento* ou *sopro*, ou qualquer outra possibilidade. Contudo, parece claro que a decisão por uma única tradução para as duas ocorrências de רוּחַ (1,2 e 8,1) seja a decisão mais compatível com uma compreensão mais consistente dos textos^[25].

II. A INTERPRETAÇÃO DE רִיָּה אֱלֹהִים EM GN 1,2

Devo confessar que a tradução de רִיָּה em Gn 1,2 e 8,1 é empreendimento tão complexo quanto a interpretação de Gn 1,2. Como cristãos e, particularmente, como batistas, recebemos uma carga tradicional significativamente forte na direção da leitura trinitariana: רִיָּה אֱלֹהִים não é outro senão o Espírito de Deus, o Espírito Santo. Nossa Declaração Doutrinária remete-nos a essa leitura. Segundo a DDCBB, a compreensão do Espírito Santo enquanto *pessoa divina* e *ator* na criação depreende-se, dentre outras passagens bíblicas, de Gn 1,2^[26]. Contudo, por sua vez, a exposição da complexidade da tradução de רִיָּה e da semelhança estrutural do imaginário textual de Gn 1,1-10 e Gn 7.11.17-20; 8,1-3 remete-nos à pergunta se, de fato, Gn 1,2 remete-nos exegeticamente ao Espírito Santo na forma como a DDCBB pressupõe. Não se deve confundir a pergunta pela remissão que faz a DDCBB a Gn 1,2 quando da proposição doutrinária da personalidade do Espírito Santo com a pergunta, absolutamente diferente, se, de fato, o Espírito Santo é uma pessoa. Nesse sentido, cabem duas observações esclarecedoras. A primeira, é a de que este artigo entende que as referências a Gn 1,2 que faz a DDCBB como fundamentação bíblica para a *personalidade* do Espírito Santo e à sua *atuação na criação* não resultam em referências exegeticamente consistentes. Mas é a *referência* que resulta inconsistente, essa particularíssima a Gn 1,2; não a proposição doutrinária em si. A crítica à proposição doutrinária da *personalidade* do Espírito Santo ou à sua *atuação na criação* nos termos em que a DDCBB as propõe demandaria outro contexto, outros objetivos e outros esforços, e seria empreendimento para especialistas em Teologia Sistemática, não para um estudante de exegese.

A segunda observação refere-se ao fato de que, de fato, as duas referências a Gn 1,2 apontadas pela DDCBB não são referência à *Trindade*, mas à *personalidade* do Espírito Santo e à sua *atuação na criação*. Na verdade, o capítulo dois inteiro da DDCBB, que se destina ao tema de “Deus”, nem por uma única vez sequer menciona a palavra *Trindade*. O texto da DDCBB traz: “Em sua triunidade, o eterno Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo, pessoas distintas mas sem divisão em sua essência”^[27].

No que diz respeito às proposições doutrinárias que defende concernentes à doutrina de Deus, a DDCBB faz referências a grandezas quais: Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Objetivamente, a DDCBB não faz referência a *uma grandeza* chamada *Trindade*. Quando faz a afirmação “em sua triunidade”, utiliza-se de um aposto, o que torna bastante difusa a sua apreensão rigorosa: a alocação adverbial em que resulta esse aposto tem que carga semântica? É modal? I. é, a triunidade é a *forma*, o *modo* como Deus se revela? É causal? I. é, é *por causa* de sua *essência* que Deus se revela *em sua triunidade*? Talvez a ambigüidade da fórmula tenha sido proposital. Talvez não se tenham apercebido dela quer o Grupo de Trabalho, quer a própria 67^a Assembléia da CBB. O fato é que, da forma como está redigida a proposição doutrinária, encontramos-nos diante da *defesa* de uma *posição teológica face às Escrituras* rigorosamente da mesma forma *como* nos encontramos diante da própria Escritura: com a responsabilidade pessoal de *interpretar* e *compreender*. Mas isso fazendo, i. é, interpretando e compreendendo como postura ativa diante da responsabilidade pessoal, não mais teremos a instância da própria DDCBB para

Gênesis 1:2

Julgar o resultado ou *dirimir* eventuais incompatibilidades hermenêuticas, tanto quanto não cabe recorrer a Gn 1,2 para *demonstrar* a correção de nossa interpretação do próprio texto de Gn 1,2.

Em Gn 1,1, deparamo-nos com duas palavras que se repetirão no restante do texto:

הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ. Os céus e a terra equivalem aos nomes com que Deus designaria, mais tarde, o firmamento (1,8a) e o continente (1,10a), respectivamente. Se nos mantivermos dentro dos estatutos da crítica veterotestamentária e estabelecermos 2,4a como sendo o arremate do texto de Gn 1,1, novamente nos deparamos com aquelas expressões: “essa é a história do céu e da terra, quando foram criados”^[28].

Essa constatação deve servir para situar nosso ponto de vista sobre o alcance da descrição de Gn 1,1-2,4a. *Céus e terra* são uma grandeza específica *dentro do texto*. Sua compreensão deve prender-se ao escopo do próprio texto. Estamos autorizados a incluir na expressão הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ dimensões semânticas emprestadas de nossos conhecimentos da astronomia, por exemplo? Não, não estamos. Temos liberdade para concluir a respeito de teorias científicas da origem do Universo a partir dessas expressões? Não, não temos. Por quê? Porque הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ refere-se a grandezas conceituais circunstanciadas pela cultura subjacente à elaboração do texto, e sua coerente apreensão subordina-se aos indicativos textuais.

Somente o fato de o imaginário textual remeter-nos a um mundo em que o firmamento, os céus, i. é, a *abóbada celeste* sustenta a metade das águas primordiais já deve servir de alerta para o universo conceitual a que se nos introduz Gn 1,1-2,4a. Não pisamos o universo da física e da astronomia modernas, mas o mundo conceitual perceptivelmente teológico e visivelmente litúrgico de uma tradição específica de Israel situada historicamente, e por isso mesmo, circunstanciada historicamente há cerca de dois mil e quinhentos anos^[29].

הַשָּׁמַיִם é o firmamento *visível*. Por *cima* dele, se encontram as águas que estão acima do firmamento, הַקִּיָּע, a quem Deus chamou “céu” (1,8a). As águas superiores, reprimidas pelo הַקִּיָּע, e ali contidas pelas comportas do céu, situam-se, por inferência, além dos luminares, encravados no firmamento.

הָאָרֶץ é a terra, casa do homem. É o continente que Deus retira de dentro das águas que estão abaixo do firmamento. Ele as reúne numa massa e faz que surja do meio delas um continente. Esse continente é a terra. É *dessa* terra que fala todo o texto de Gn 1,1-2,4a.

Devemos nos perguntar se a cosmogonia de Gn 1,1-10 corresponde a alguma possível concepção cristã ou científica da criação. Essa pergunta metodológica é indispensável, porque se nos recusarmos a adotar uma hermenêutica empática a Gn 1,1-2,4a, dificilmente nossos esforços de *ouvir* essa Palavra serão coroados de sucesso, ainda que seja possível uma interpretação cristã ou científica do texto. Tanto

Gênesis 1:2

é possível que constatamos a referência a Gn 1,2 na proposição doutrinária da DDCBB.

Ora, Gn 1,2 começa dando-nos conta de que a terra estava sem forma e vaga. Que *terra*? Não é o Cosmo. Não é o Universo. Não é o mundo que está sendo criado em Gn 1,2, mas **וְהָאָרֶץ הַיְתֵהָ תְהוֹ וְבֵהוּ**. Gn 1,2 diz que **וְהָאָרֶץ הַיְתֵהָ תְהוֹ וְבֵהוּ**, a *terra* estava vazia e vaga.

Em outra obra sua, Moises Chavez considera Gn 1,26, “a su imagen y semejanza”, como uma ocorrência de *endiáde*^[30]. A *endiáde* é uma figura de sintaxe em que duas palavras “que significan casi lo mismo” são reunidas para ampliar e esclarecer o sentido uma da outra. **בְּצֶלְמִנוּ כְּדְמוּתֵנוּ**, portanto^[31], deveria ser compreendido como esclarecimento endiádico da conformidade entre Criador e criaturas, mas uma conformidade sinonímica: os dois termos apontam para a mesma configuração de semelhança. A expressão **תְהוֹ וְבֵהוּ** carregue uma *endiáde*, também. **תְהוֹ וְבֵהוּ** não apontariam para *duas* características originais da *terra*, mas apontaria unicamente para seu estado *caótico*.

Já nos antecipamos, e descobrimos que Deus vai retirar a *terra* do meio das águas que estão sob o firmamento (1,9). Depois que Deus criar o firmamento, terá separado as águas, o abismo, e terá posto metade delas sobre o firmamento e outra metade sob o firmamento. Dessa última metade é que a terra será tirada. De modo que **וְבֵהוּ תְהוֹ** apontam para a *confusão* dos elementos telúricos e aquosos. Podemos falar de *caos*, mas num sentido consideravelmente específico: a terra está misturada à água; será da água que Deus retirará a terra. Mas, por enquanto, a terra é **תְהוֹ וְבֵהוּ**.

Mas se **וְהָאָרֶץ הַיְתֵהָ תְהוֹ וְבֵהוּ**, o que, de fato, *havia*? Havia o abismo. Havia **תְהוֹם**. Mas é igualmente incorreto pensarmos em **תְהוֹם** fora da dimensão do imaginário de Gn 1,1-2,4a e concluirmos pela identificação do *abismo* com o Cosmo. Novamente, devemos nos remeter aos indicativos textuais para limitar nosso ponto de vista.

Uma observação torna-se indispensável: é a única ocorrência de **תְהוֹם** em Gn 1,1-2,4a. Se é correto afirmar que são os indicativos textuais que nos devem remeter à compreensão do termo, uma vez que essa é a única ocorrência de **תְהוֹם**, precisamos focalizar com bastante atenção os olhos *no texto*.

Observemos, pois, o seguinte:

תְהוֹם
הַמַּיִם:

וַחֲשָׁךְ
עַל-פְּנֵי
וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל-פְּנֵי

Gênesis 1:2

É difícil não nos deixarmos iluminar pela estrutura *paralela* dos estíquios. Nas duas formulações, constata-se a presença de grandezas *sobre a face de*, isto é, *trevas sobre a face do abismo* e *רוּחַ אֱלֹהִים* (...) *sobre a face das águas*^[32]. Ambas as grandezas *sobre a face de* são indefinidas: são *trevas*, antes que *as trevas* e é *רוּחַ* antes que *וְהָרוּחַ*, i. é, *um espírito/vento/sopro* e não *o espírito/vento/sopro*.

A forma como A Bíblia de Jerusalém optou pela tradução corrobora essa indefinição da grandeza referente a *רוּחַ*: “e um vento de Deus”. Mas penso que podemos avançar um passo além, chegando a concordar com a tradução de A Bíblia Sagrada Vozes: “e um vento *impetuoso* soprava sobre as águas”. Essa tradução faz a expressão *רוּחַ אֱלֹהִים* transformar-se *de Espírito de Deus* em *um vento impetuoso*, e devemos estar preparados para constatar o quanto podemos afastarmos do sentido original de um texto quando, ao invés de envidarmos esforços para *ouvi-lo*, esforçamo-nos para *fazê-lo nos ouvir*.

Contudo, por mais surpreendente que seja a tradução da Bíblia Sagrada Vozes, ela não é inusitada. Se não em Gn 1,2, pelo menos em Am 4,11. Naquele texto, constatamos a seguinte construção sintática: *כְּמַהֲפַכַת אֱלֹהִים*. Estamos diante da mesma estrutura sintática de Gn 1,2, se comparamos *רוּחַ אֱלֹהִים* com *כְּמַהֲפַכַת אֱלֹהִים*. O primeiro termo de cada uma das expressões encontra-se em estado construto, mantendo uma relação semântica regente sobre o termo qualificante, no caso, *אֱלֹהִים*. Um vento de ‘Elohim (Gn 1,2) ou *com uma destruição de ‘Elohim* (Am 4,11) têm a mesma estrutura sintática^[33].

Por seu turno, mais uma vez Moises Chavez nos auxilia, precisando que a expressão *אֱלֹהִים* se presta a construções do grau superlativo, de modo que “los eruditos modernos prefiera traducir *רוּחַ אֱלֹהִים* como ‘viento de Dios’, es decir: um viento fortíssimo. Del mismo modo, la expresión: *כְּמַהֲפַכַת אֱלֹהִים* en Amós 4:11, se traduce como ‘el peor terremoto’ antes que ‘terremoto de Dios’^[34]. Nesse sentido, a Bíblia Sagrada Vozes entende exatamente como superlativa a expressão *אֱלֹהִים* e Gn 1,2, traduzindo *רוּחַ אֱלֹהִים* por *um vento impetuoso*.

Com isso, fica ainda mais clara a estrutura paralela dos dois estíquios finais de Gn 1,2, como vimos de analisar acima: também há relação paralela entre *trevas* e *vento impetuoso*. É tanto a constatação de que *trevas (estão) sobre o abismo*, quanto de que *um vento fortíssimo, violentíssimo, impetuoso, de ‘Elohim, (está) sobre a face das águas*.

Talvez o paralelo de Sl 36,7 sirva de exemplo para a possibilidade de uso específico dos designativos divinos. Ali se diz que

צִדְקָתְךָ כְּתֵרֵי־אֵל

מִשְׁפָּטֶיךָ תְהוֹם רָבָה

A tua justiça (é) como as montanhas de 'El (= as grandes montanhas)

os teus julgamentos, como (um) grande abismo

Tanto pelo paralelo característico do verso, quanto pela indicação da nota *g* de *A Bíblia de Jerusalém*, pode-se perceber tratar-se a expressão אל em Sl 36,7 como paralelo de רָבָה - grandes (= altas) montanhas grande abismo. Não se deve perder de vista o fato de que em Sl 68,16, הַר-אֱלֹהִים, literalmente *montanha de 'Elohim*, põe-se em paralelo com הַר גְּבַנְנִים. Perceba-se a construção do verso:

הַר-אֱלֹהִים הַר-בָּשָׁן

הַר גְּבַנְנִים הַר-בָּשָׁן:

Montanha de 'Elohim, montanha de Bashan!

Montanha de escarpados, montanha de Bashan!

Pode-se constatar a forma plural de גְּבַנְנִים (גְּבַנְנִים)^[35] para estabelecer paralelo tanto semântico como sonoro com אֱלֹהִים :

Har-'elohim, har-bashan!

Har gavnunnim, har basan!

Para insistir-se na tese de que os designativos divinos prestam-se à construções sintáticas em que funcionam como uma espécie de *superlativo*, outro exemplo seria Sl 80,11:

כִּסּוּ הַרִים צֶלֶה

וְעִנְפֵיהָ אֲרוּי־אֵל

Cobriam as montanhas as suas (= dela) sombras

e os seus ramos, os cedros de 'El (= os cedros mais altos)

Gênesis 1:2

Em Gn 1,2, portanto, está perfeitamente demonstrada a possibilidade sintática de tratar-se o designativo divino por um superlativo: *forte, impetuoso, violento*. Não estranha, pois, o estado *caótico* das águas...

A última relação paralela fica por conta das expressões **עַל-פְּנֵי** que se repetem no primeiro e no segundo estíquio do paralelismo sinonímico. *Sobre a face de, seja o abismo*, sejam as águas. Entretanto, no segundo estíquio, a expressão acresce-se do participio feminino singular Piel **מְרַחֶפֶת**. Isso me obriga a uma discordância com os dicionários de que disponho. Tanto o Dicionário Sinodal/Vozes, quanto o da Paulus sugerem para o Piel de **מְרַחֶפֶת** a concepção de *sobrevoar, voejar, bater as asas*, remetendo a Dt 32,11. O Analítico de Davidson ainda vai mais longe: apresenta a tradução *desse* Piel como *brood*, que, entre outras concepções no vernáculo, significa *chocar* (a galinha a seus pintinhos, por exemplo); também indica a possibilidade de tradução para *flutter* e *hover*.

Mas há algo que não faz sentido nessa proposição semântica. A forma de Qal da raiz **רָחַח** significa, segundo esses mesmos dicionários, *tremar, estremecer* (Sinodal/Vozes); *deslocar-se, entrechocar-se* (Paulus); *shake, tremble* (Analítico de Davidson). Todos os três remetem-nos a Jr 23,9, em que lemos: “Meu coração está quebrado dentro de mim, estremeceram todos os meus ossos”.

Sabe-se que a forma verbal Piel tem significado “*intensivo*, reforçando o conceito verbal”^[36]. Moises Chavez concorda com a afirmação: “su connotación o idea central es intensidad en la acción”^[37]. Pois o *que não faz sentido* reside justamente no fato de que aqueles dicionários apresentam para a forma Qal de **רָחַח** um sentido *mais* intenso do que quando na forma Piel: *estremecer*, em Qal e *voejar*, no Piel.

Os tradutores^[38] da Bíblia Sagrada Vozes traduzem **מְרַחֶפֶת** para *soprava*, cujo sentido podemos admitir como *intensivo* em relação a *estremecer*, já que quem *sopra* é *um vento impetuoso*. Lamentavelmente, Moises Chavez é reticente quando trata do sentido da raiz **רָחַח**: “no obstante, el sentido del verbo **רָחַח** y el uso del nombre **אֱלֹהִים** en expresiones que expresan grado superlativo, hacen que el concenso de los eruditos modernos prefiera traducir **אֱלֹהִים רָחַח** como ‘viento de Dios’, es decir: um viento fortísimo”^[39]. Mais nada nos diz. Mas com o que temos, creio ser suficiente para não levar em consideração as propostas de tradução daqueles dicionários, e pressupor uma conotação mais afeita ao contexto da situação *caótica* dos elementos conforme a descrição de Gn 1,2.

É verdade que tais conotações permitem a interpretação do segundo estíquio do paralelismo no sentido de o Espírito de Deus *pairar* sobre as águas como a águia de Dt 32,11, onde consta a mesma forma Piel daquela raiz: “como a águia que vela por seu ninho e revoa por cima dos filhotes”, sugerindo uma *presença* vivificante do Espírito Santo enquanto ator da criação. Contudo, no relato sacerdotal, pelo que se depreende de Gn 1,1-2,4a, a criação é obra da Palavra de ‘Elohim, e a compreensão

Gênesis 1:2

semântica de *ruah* como *espírito de 'Elohim* é uma possibilidade semântica casual, que deve ser evitada.

A própria referência a Dt 32,11 já deveria levantar suspeitas sobre a compreensão de uma suposta atividade plácida de רִוּחַ אֱלֹהִים. A águia não está *voejando*, alegremente: está *defendendo* e *protegendo* Jacó. E, seja como for, não é o bater das asas de um *pardal*, mas de uma águia, e as conseqüências da atividade de אֱלֹהִים רִוּחַ eram, certamente, bastante mais *intensas*.

O que já se pode depreender do paralelismo:

e trevas	e trevas	abismo
e um vento fortíssimo	que sopra sobre a face das	águas

Na estrutura paralela, *trevas* equivale a *vento fortíssimo*; *abismo* equivale a *águas*; e *sobre a face do* equivale a *que sopra sobre a face das*. O paralelismo entre תְּהוֹם e תְּהוֹם תְּהוֹם explica a única referência a תְּהוֹם, porque é introduzido no primeiro estíquio como termo sinónimo de תְּהוֹם, que reaparecerá novamente na descrição sacerdotal da Criação.

Se observarmos atentamente, verificaremos que esses dois estíquios, mais precisamente, o paralelismo sinónimo que formam, prestam-se a precisar a situação *caótica da terra sem forma e vaga*. A terra estava sem forma e vaga, como vimos, *porque* está, ainda, misturada às águas primordiais, ao abismo. E o próprio abismo está envolto em trevas. As próprias águas encontram-se revoltas por um vento fortíssimo. Não há ordem. Não há harmonia. Há uma confusão primordial. Há uma desarmonia caótica...

... até que 'Elohim diga: יְהִי אוֹר וַיְהִי אוֹר: "Haja luz' e houve luz". Nessa Palavra, Deus ordena, tanto no sentido de estabelecer o comando da Criação, quanto de organizar os elementos caóticos em que consistem as águas, o abismo. *Luz*, aqui, é o elemento *harmonizador* e *organizador* do *caos*. Enquanto que o *ruah 'Elohim* era, justamente, o elemento *fomentador* do *caos*. A partir da luz, Deus organiza o *caos*: separa, extrai, reúne, acomoda, organiza. A terra surge do meio das águas; as águas encontram seu lugar na nova ordem, porque essa é uma ordem em que as coisas possuem seu devido lugar e acontecem dentro de seu devido tempo. Tudo tem sua função. Como na liturgia.

Não há que se por em dúvida a *personalidade* do Espírito Santo. Contudo, não podemos concordar com a referência que a DDCBB faz a Gn 1,2 como fundamentação bíblica para essa proposição doutrinária. Por outro lado, a sustentação da atuação do Espírito Santo na Criação é tarefa inglória se se depende de Gn 1,2. A palavra hebraica que se utiliza para remeter à Sua presença ali não

Gênesis 1:2

parece sustentar uma leitura *ativa* na organização do céu e da terra, conseqüentemente, da vida. Pelo contrário, רִיחַ אֱלֹהִים, *um vento fortíssimo* remete justamente ao estado de *caos* primitivo, à confusão da terra e das águas. É a *luz*, que intrometendo-se nas *trevas*, aquietou esse *vento fortíssimo* e traz paz ao *caos*. Aquietado, Deus pode, agora, organizá-lo.

NOTA Monte Sinai: Esta mesma expressão hebraica para **vento** aparece novamente em Êxo 14:21 quando as águas foram divididas! Quanto ao **abismo** (caos) o veremos novamente após a Gloriosa volta do nosso Senhor Jesus, quando os elementos abrasados pela Sua presença tornará a terra um caos desabitado (Apoc 6:12-17; II Ped 3:1-13) e servindo de prisão para satanás... Apoc 20:1-3.

Apontamentos posteriores à remessa para publicação:

Jó 26,13: “seu sopro varreu os céus, sua mão traspassou a serpente fugidia” aponta mitologicamente para o *ruah* de ‘Elohim dentro da perspectiva do mito cosmogônico cananeu: “Com sua força fendeu o Oceano, com sua inteligência esmagou Rahab” (Jó 26,12). Talvez deva reconsiderar e entender, em todo caso, o *ruah* como mais do que um vento fortíssimo? Se bem que, entre o mito cosmogônico e Gn 1,2 vão-se léguas de distância – e um contra-mito babilônico tenderia a caracterizar-se, também, como um contra-mito cananeu. Nesse caso, no mito cosmogônico israelita primitivo, lahweh vence o Oceano com o *ruah*, e a Rahab, a Nahash *sinuosa*, fugidia, com sua mão. É pesquisar e ver.

(12 de junho de 2001)

REFERÊNCIAS DO TEXTO

- (1) PRINCÍPIOS BATISTAS. Rio de Janeiro, JUERP, 1987. p2 (Série DOCUMENTOS BATISTAS, I)
- (2) Idem. p5
- (3) Idem. p23.
- (4) Idem. p22.
- (5) Idem. p23.
- (6) DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. p5. (Série DOCUMENTOS BATISTAS, II).

Gênesis 1:2

- (7) Idem. p5.
- (8) Idem. p6-8.
- (9) Idem. p8.
- (10) Trata-se da 67ª Assembléia da Convenção Batista Brasileira.
- (11) DECLARAÇÃO DOCTRINÁRIA DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. p4.
- (12) O texto hebraico de Gn 1,1-10 é da Bíblia Hebraica Stuttgartensia, edição de 1987. A transliteração segue a gramática de Moises Chavez (Hebreo Bíblico – texto programado: tomo I. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1988). O texto grego é da The Septuagint with Apocrypha Greek and English, da Zondervan Publishing House, edição de 1988. A versão portuguesa segue A Bíblia de Jerusalém, edição da Paulinas, 4ª impressão de agosto de 1989.
- (13) Servem de exemplo desse tipo de tradução as versões da IBB (ver. e cor.; e revisada), da SBB, incluindo as co-edições (cf. Vida Nova), da Alfalit, da Loyola e da Editora Ave Maria, dentre outras.
- (14) São desse tipo: A Bíblia de Jerusalém e a Edição Pastoral, da Paulinas, e a Bíblia Sagrada Vozes.
- (15) DAVIDSON, B. The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon. Grand Rapids: Zondervan, 1988.
- (16) DICIONÁRIO HEBRAICO-PORTUGUÊS... São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal: 1989.
- (17) Na verdade, a acepção é até mais ampla: ar; brisa, aragem, vento; ar respirado ou exalado, sopro, fôlego, hálito, bafo; (o) nada, (o) vazio, (o) transitório; espírito (de Deus e dos homens); mente, espírito; humor, disposição; ânimo, alento; sentido; lado (do vento).
- (18) SCHÖKEL, L. A. Dicionário Bíblico... São Paulo: Paulus, 1997.
- (19) Quando não especificadas, as citações bíblicas seguem a versão de A Bíblia de Jerusalém.
- (20) CAMPOS, G. Como Fazer Tradução. Petrópolis: Vozes, 1986. Na verdade, Geir Campos utiliza-se do decálogo da arte de tradução elaborado pelo “afamado tradutor europeu” (...), o polonês Karl Dedecius” (p39).
- (21) Idem. p7.
- (22) I. é, tradutor, traidor.
- (23) Uma leitura complementar, com fins a uma análise fenomenológica da tradição do Dilúvio bem se faria em J. G. Frazer, El Folklore en el Antiguo Testamento. Trad. de Gerardo Novás. México: Fondo de Cultura Económica, 1982. p65-187.
- (24) O espaço não mo permite, mas seria necessária, aqui, uma referência a Jó 7,12 e, daí, à relação sócio-cultural com os mitos cosmogônicos acádicos e babilônicos. O leitor o

Gênesis 1:2

faça, por favor, a partir de, por exemplo, A Criação e o Dilúvio – segundo os textos do Oriente Médio Antigo. Trad. De M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulinas, 1990. p13-19 (especialmente p16: “...instalou guardas, confiou-lhes a missão de não deixar sair suas águas”).

- (25) Por esta razão optei por seguir a tradução de A Bíblia de Jerusalém que, juntamente com a Edição Pastoral (também da Paulinas) e a Bíblia Sagrada Vozes traduzem ambas ocorrências pelo mesmo vocábulo (no caso, vento).
- (26) DECLARAÇÃO DOUTRINÁRIA... p8, notas 1 e 3.
- (27) p6.
- (28) Nesse caso, o texto completo a que pertenceria 1,2 seria 1,1-2,4a. O leitor informado, não necessariamente concorde, reconhece nessa afirmação a admissão tácita dos resultados da crítica bíblica. Uma fundamentação nesse sentido pode ser buscada na literatura bíblico-teológica contemporânea, como, por exemplo, N. K. Gottwald (Introdução Sócio-Literária à Bíblia Hebraica), G. Fohrer (Introdução ao Antigo Testamento), G. von Rad (Teologia do Antigo Testamento), J. Schreiner (Palavra e Mensagem), dentre outros.
- (29) Parece coerente concluir que, se o presente ensaio admite a estrutura textual de Gn 1,1-2,4a sugerida pela crítica, também pressupõe sua relação com a fonte sacerdotal pós-exílica. Não deve o leitor tomar essa vinculação teórica como definitiva, uma vez que a abordagem histórico-sociológica do Antigo Testamento tem proposto alterações na teoria das fontes do Pentateuco que ainda merecerão aprofundamentos. Seja como for, o pressuposto é o de que Gn 1,1-2,4a consiste na elaboração sacerdotal do tema das origens. Reporte-se o leitor àquelas referências bibliográficas anteriores para aprofundamentos.
- (30) p76.
- (31) O apparatus da BHS constata a queda do vav e a sua presença em manuscritos importantes.
- (32) Ambas traduções são minhas.
- (33) De fato, o Analítico de Davidson citado apresenta a palavra כַּיִן הָיָה כֵּן como nome feminino singular construto, da raiz הִפְךָ.
- (34) Op. cit. p482.
- (35) Schökel, p.129 escarpado.
- (36) BAUMGARTNER, W. (ed) Gramática Elementar da Língua Hebraica. 8ª ed. Tradução de Nelson Kirst. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p55.
- (37) Op cit. p207.
- (38) Ludovico Garmus, que é também o revisor exegetico para o Antigo Testamento.
- (39) Op cit,p482.

Gênesis 1:2

Negrito e colocado em vermelho, os textos de GN 1-10, em português.
Importado e formatado para o Word por Silas Jakel, em 02/06/2005.
Fonte: <http://montesinai0.tripod.com/DilemaErudito.htm>